UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

JACQUELINE ESPINOSA DA SILVA

MEMORIAL DE FORMAÇÃO

CAMPINAS
2005

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

JACQUELINE ESPINOSA DA SILVA

MEMORIAL DE FORMAÇÃO

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia – Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos municípios da Região Metropolitana de Campinas, como um dos pré-requisitos para conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

CAMPINAS

2005

Para:

meu querido marido Nilton e meu filho Rafael

as alegrias deste momento também são tuas,

pois o amor de vocês, foi a arma desta minha vitória.

Companheiros de todos os momentos divido, pois,

com vocês, o mérito desta tão sonhada conquista.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos, aqui, de registrar os nomes daqueles que merecem minha gratidão por todo o apoio que nesta minha árdua jornada pude contar durante estes três longos anos.

- Nilton Heide da Silva , meu esposo;
- Rafael Espinosa da Silva, meu filho;
- Vinícius Espinosa da Silva; meu filho;
- Terezinha Humel Espinosa, minha mãe;
- Maria Cristina Espinosa Suzigan, minha irmã;
- Roseli Galetti, Assistente Pedagógica Avaliação;
- Priscila , Assistente Pedagógica Sexualidade, Ciências;
- Dagmar Palomo, amiga de sala;
- Selma Vieira Mravetee, amiga e companheira de trabalho;
- Tatiane da Silva, amiga do grupo em trabalhos;
- Juliana Ap. Marto, amiga de trabalhos em grupo.
- Ivanise , amiga

Agradeço, ainda, a todos os outros colegas, aos quais dedico o mais profundo reconhecimento pelo companheirismo e espírito de trabalho em equipe.

SUMÁRIO

1-APRESENTAÇÃO.....07

2-CAPÍTULO I: PROESF.....09

3-CAPÍTULO II: A FORMAÇÃO.....16

4-CAPÍTULOIII: INFÂNCIA.....23

5- CAPÍTULO IV: PROFISSIONAL DE CRECHE.....24

6- CAPÍTULO V: EDUCAÇÃO INFANTIL-INSTITUIÇÃO.....27

7-CAPÍTULO VI: OBJETIVOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL SEGUNDO OS REFERÊNCIAIS NACIONAIS CURRICULARES.....34

8-CAPÍTULO VII: O QUE CONSTITUI A EDUCAÇÃO INFANTIL 36

9-CONSIDERAÇÕES FINAIS.....47

10-REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....48

11-BIBLIOGRAFIA.....49

APRESENTAÇÃO

A elaboração deste memorial foi uma tarefa bastante gratificante, pois foi através de minhas memórias que pude lembrar o quanto os professores, amigos, alunos e familiares, foram importantes para minha formação e para meu crescimento profissional.

Gostaria de deixar registrado alguns fatos que merecem destaques, nesta minha árdua, porém prazerosa jornada.

O curso de pedagogia, o PROESF, ofereceu um conjunto de componentes curriculares para a elaboração de uma visão complexa sobre o fenômeno educativo. O passeio pelos fundamentos da educação através das disciplinas relacionadas com a filosofia, psicologia, sociologia, história da educação, história, ciências, geografia, sexualidade, temas transversais, educação infantil, currículo e escola, gestão, tecnologia, avaliação, pesquisa, português, matemática, artes, educação física, educação especial, educação não-formal, multiculturalismo e políticas educacionais, foram fundamentais para a ampliação da perspectiva multidimensional como base para a compreensão dos nexos da educação, provocada pelo acesso e interpretação do conhecimento sistematizado nessa área em que, por sinal, pude ver o muito que aprendi e o quanto melhorei minha prática.

Este trabalho mostra um pouco do que passei e aprendi nestes três anos de PROESF, mas acho difícil poder escrever sobre os fatos decorrentes neste período, pois estes foram sendo absorvidos diariamente e percebidos através das atitudes e práticas pedagógicas presentes no meu cotidiano.

É por isso que escolhi como eixo principal a educação infantil e o profissional de creche, pois, antes da faculdade tinha, sem perceber, é claro, uma visão totalmente diferente da creche.[1]

Neste trabalho procuro mostrar a importância da Infância e a educação infantil historicamente e nos dias atuais e, também, um pouco do trabalho e luta para o reconhecimento da profissional que trabalha com as crianças de 0 a 3 anos (creche).

"As diferenças presentes na ação educativa só podem ser vistas na perspectiva do gênero feminino, porque a creche é um "espaço generificado" (Louro, 1997[a]; 1997b; 1997c) um espaço que separa e agrupa adultos e crianças segundo suas igualdades e diferenças e os hierarquiza, mas também, contraditoriamente, transforma essas diferenças.

Assim olhando com essas "lente de aumento", as professoras são reconhecidas para tratarem de questões ditas pedagógicas, de ensino-aprendizagem, e as monitoras são reconhecidas para tratar de questões ligadas aos cuidados físicos, alimentares e higiênicos (Campos, 1994; Rosemberg,1994). Isso reflete um caráter escolar "e" familiar/domestico na educação infantil.

Esta realidade, assim identificada, traz as separações entre mente/corpo; trabalho manual/trabalho intelectual; natureza/cultura; razão/emoção (Campos, 1994; Rosemberg, 1994; Búfalo, 1997).

Há que se reconhecer que também há diferenças na formação, na jornada de trabalho e nos salários entre essas categorias.'[2]

[1] Uma visão assistencialista, onde o mais importante era o cuidar.

[2] . Revista Quadrimestral da Faculdade de Educação-Unicamp vol.14, nº3, 2003.

CAPÍTULO I

PROESF

“Cada um que passa em nossa vida, passa sozinho”.
Porque cada pessoa é única, e para nós, nenhuma substitui a outra.
Cada um que passa em nossa vida, passa sozinho;
Mas não vai sozinho, nem nos deixa só...
Leva um pouco de nós mesmos e deixa um pouco de si mesmo.
Há os que levam muito, mas não há os que não levam nada;
Há os que deixam muito, mas não há os que deixam um pouco de si mesmo.
Esta é a mais bela responsabilidade de nossa vida:
A prova evidente que duas almas não se encontraram por acaso”.
(Antoine De Saint-Exupéry)[3]

Foram três longos anos, que pareceram uma eternidade, mas, como foi bom, pois, neste tempo aprendemos sobre a história da educação com o AP Luís que soube conduzir muito bem suas aulas, fazendo com que mudasse nossa concepção sobre educação. As discussões em sala muito me ajudaram a refletir sobre minha prática pedagógica.

Teve a Rosilene que, às vezes, se estressava por qualquer motivo, mas, passou bem o conteúdo orientado pelo nosso querido Sergio Leite. Hoje em dia quando ouço falar em “Letramento”, me recordo sobre os textos trabalhados. Este ano, na rede em que trabalho, o enfoque maior é a alfabetização e letramento com crianças de 0 a 6 anos. No começo houve muita resistência por parte dos educadores de maneira geral, pois nos foi imposto esta postura por parte da Secretária de educação, já que estávamos nos adaptando ao novo currículo criado, tendo como eixo principal a “cultura” e mais, ainda, o “Brincar pelo brincar”, que foi elaborado depois de muitos encontros entre os educadores de diferentes níveis de educação infantil. Ainda estávamos em adaptação, mas não deu nem tempo dela acontecer. Fico triste, pois não sei se este tipo

de aprendizagem, nesta idade, principalmente 0 a 3 anos, que é a faixa etária com a qual trabalho, tem algum significado, já que o que eles querem é mesmo brincar, é interagir com os amigos. Nas nossas reuniões de formação só se estuda sobre isso, a alfabetização será o eixo mais importante na educação infantil? Fica aqui o meu registro e a minha indignação.

O que é Letramento?[4]

Letramento não é um gancho
Em que se pendura cada som enunciado,
Não é treinamento repetitivo de uma bondade,
Nem um martelo quebrando blocos de gramática.
Letramento é diversão
É leitura à luz de vela
Ou lá fora, à luz do sol.
São notícias sobre o presidente,
O tempo, os artistas de TV.
E mesmo Mônica e Cebolinha
Nos jornais de domingo.
É uma receita de biscoito,
Uma lista de compras,
Recados na geladeira,
Um bilhete de amor,
Telegramas de parabéns e

[3] Extraído do convite de minha formatura do magistério.
[4] Kate M. Chong (estudante norte-americana, de origem asiática), retirado de material distribuído em reunião pedagógica, formação continuada de professores.

Cartas de velhos amigos.

É viajar para países desconhecidos,

Sem deixar sua cama, é rir e chorar.

Com personagens, heróis e grandes amigos.

É um Atlas do mundo,

Sinais de trânsito, caças ao tesouro,

Manuais, instruções, guias e

Orientações em bulas de remédios,

Para que você não fique perdido.

Letramento é, sobretudo,

Um mapa do coração do homem,

Um mapa de quem você é,

E de tudo que você pode ser.

A Mirelle, que se estou aqui digitando este trabalho foi por conta dela, que me inseriu no mundo virtual, informatizado, pois, até então, não sabia nem como ligar e desligar o computador e, aqui estou, é claro não fiquei “expert”, mas estou tentando...

Confesso que teve matérias que não despertaram tanto interesse, pois como trabalho na educação infantil, estas ficaram muito presas a conteúdos para o ensino fundamental.

Lembro-me de artes, com o Perci, que eu achava ser a cara dele, pois como é tranqüilo, me identifico muito com ele, é que também sou, sabia como fazer com que nós nos soltássemos e aproveitássemos bastante os conteúdos, fazendo com que nos expressássemos através do corpo, como Madalena Freire em:

Sinais do Corpo[5]

Somos o que somos.

Somos o que sentimos.

Somos o que desejamos.

Somos o que fazemos, mediados por gestos e movimentos.

Somos nosso corpo.

Carregamos em nosso corpo as marcas de nossos sentimentos,

Crises, conquistas, impasses, nossa história.

Nosso corpo nos retrata e nos expressa.

Ao mesmo tempo em que nos expressamos por ele.

Expressamo-nos, buscando e entrando, ou não, em comunicação com o outro.

Esta interação permanente entre meu corpo, o corpo do outro e a realidade,

Sofre modificações e é, ao mesmo tempo modificado,

Num movimento contínuo de transformações.

O corpo fala.

Mesmo quando quer esconder sua fala, “o corpo não mente”.

Explode em sintonia, em “jeito” de alerta para nós mesmos e para o outro.

Estar atento para ouvir e ver, entretanto em sintonia, com nosso corpo e

De nossos alunos, é desafio fundamental do educador.

Ver, tentando decifrar, ler os sinais, os significados que o corpo expressa,

Comunicando os desafios do processo de aprendizagem é tarefa do educador

No seu ensinar, a observação é seu instrumento decisivo.

Um corpo jogado, largado, um corpo tenso, retesando energias,

Um corpo acabrunhado, “diminuído”, um corpo onde tudo parece bem,

[5] Madalena Freire (retirado de material entregue em reunião pedagógica, formação continuada).

Mas foge temeroso ao toque...todos estes são sintomas que retratam
Os desafios que devemos lidar no processo de aprendizagem de nossos alunos.
Na relação com eles, temos com nosso corpo, um instrumento precioso que em
Muitas situações abrem portas inimagináveis, que é o TOQUE.
Dependendo de como recebemos um aluno,
Num abraço afetuoso e quente podemos produzir mudanças durante
Aquela aula... ou se o olhar nosso foi lançado e recebido como um afago,
Naquele momento de insegurança, ou ainda em situações extremas,
Lidando com os limites, temos um toque firme, duro, “apertado”,
Todos esses momentos de afeto são traduzidos pelo toque.
Não basta ter um corpo, é necessário senti-lo, amá-lo, cuida-lo respeitosamente,
Conhece-lo, vivê-lo na totalidade, para que possamos, na relação com o outro,
Assumir com autoria, o que somos, sentimos, desejamos, pensamos, fazemos com nosso corpo, nossa vida, nossa história.

Tinha a dupla dinâmica, como a chamávamos, Bia e Eliana que nos ensinou sobre pesquisa educacional, no começo parecia que não íamos entender nada, mas no fim parece que tudo se clareou, se bem que teve matérias nas quais 15 encontros foram pouco, se fosse ver era preciso pelo menos mais 15, essa é uma delas.

Que gostosas eram as aulas da AP Priscila, foram duas matérias que sentimos saudades, pois ela é bem compreensiva, fala calma e muito afetuosa e as aulas trouxeram muita discussão, é isso o que mais valeu no nosso curso. As situações vivenciadas em sala de aula e compartilhadas com a turma da pedagogia ajudaram muito em determinadas situações, principalmente em relação à sexualidade.

Lembro-me da AP Conceição, por sinal umas das Aps que mais se destacou, soube passar os conteúdos com muita desenvoltura, dizíamos que era “Speed”, pois era muito rápida e sempre bem disposta, chegava até às vezes a perder a voz, mas nada a fazia perder seu ritmo.

A Dalva, com as disciplinas bem diferentes uma da outra, Educação Formal e Multiculturalismo, que também não deixou que nada ficasse para trás.

Entre as lembranças, tem uma que não gostaria de ter passado, principalmente neste curso, onde todos têm a prática, além disso, todos com muita responsabilidade, mas tive uma experiência nada oportuna, a professora, como no meu primário, foi autoritária e eu, me lembrando do passado, me senti a pior das pessoas. Mas foi neste momento, também, que percebi como havia sido importante minha estada ali, pois minha colega, Dagmar, a quem devo o meu “muito obrigado”, me defendeu e comprou a “briga com a professora”. Foi bom, pois esta mesma professora deve ter refletido, não me pediu desculpas, talvez achou que não precisasse, mas ela ficou bem melhor, tanto que, depois, ela deu outra disciplina e parecia até outra pessoa.

Teve uma matéria que esperei bastante, foi a de educação infantil de 0 a 3 anos, não foi exatamente o que esperava, a classe também, percebi que não entenderam bem, pois ouvi muitas vezes algumas colegas perguntando “o por quê de aprender aquilo sobre creche”. Ficava triste, porque quase todas as matérias foram voltadas para as primeiras séries, somente essa específica para crianças menores e elas reagindo desta forma, não foi legal.

Talvez seja por isso que escolhi como eixo a educação infantil, mais especificamente o profissional de creche e seu reconhecimento.

CAPÍTULO II

A FORMAÇÃO

Não sei bem por onde começar, pois para escrever um memorial é preciso de muitos detalhes para que não nos esqueçamos de nada que seja importante.

Sabe-se que a vida de um homem merece constante reavaliação, geralmente, os maiores sucessos e progressos são conseguidos nos momentos de necessidade ou de grandes crises.

Talvez, seja mais fácil iniciar a partir de lembranças vagas, mas importantes para mim, que começam lá atrás, quando ainda muito pequena gostava muito de histórias, desenhos e tinha um grande sonho de “ser professora”, brincadeira preferida por mim e minhas amiguinhas.

Voltando à infância, na memória, tenho uma frustração: não ter freqüentado o Jardim de Infância, não sei por qual motivo, pois algumas vezes questionei minha mãe, mas ela nunca soube me dizer, talvez seja pelas condições financeiras ou, quem sabe, um período difícil, pois foi na época que nascia meu irmão caçula. Há 6 anos de diferença entre nós.

Até meus 13 anos, minha família se mudava muito de um bairro para outro, pois, como pagávamos aluguel, quando este subia, éramos obrigados a nos mudarmos.

Comecei a estudar a 1ºsérie na escola EEPSG “Silvino José de Oliveira”, que ficava no bairro Cordenunsi, mesmo bairro em que morava, porém a escola era bem longe de casa.

Lembro-me que, no primeiro dia de aula, tive muito medo, mas, ao mesmo tempo, era um sonho poder estar na escola, pois como gostava de histórias queria eu mesma fazer as leituras, meus desenhos, minhas escritas.

Me identificava com a música “Aquarela”.

AQUARELA[6]

Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo

E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo.

Corro o lápis em torno da mão e me dou uma luva,

E se faço chover, com dois riscos tenho um guarda-chuva.

Se um pinguinho de tinta cai num pedacinho azul do papel,

Num instante imagino uma linda gaivota a voar no céu.

Vai voando, contornando a imensa curva Norte e Sul,

Vou com ela viajando, Havaí, Pequim ou Istambul.

Pinto um barco a vela branco, navegando,

É tanto céu e mar num beijo azul.

Entre as nuvens vem surgindo um lindo avião rosa e grená.

Tudo em volta colorindo, com suas luzes a piscar.

Basta imaginar e ele está partindo, sereno, indo,

E se a gente quiser ele vai pousar.

Numa folha qualquer eu desenho um navio de partida

Com alguns bons amigos bebendo de bem com a vida.

De uma América a outra consigo passar num segundo,

Giro um simples compasso e num círculo eu faço o mundo.

[6] Toquinho/Vinícius de Moraes/G. Morra/M. Fabrizio.(Coleção Millennium “Toquinho”).

Um menino caminha e caminhando chega no muro

E ali logo em frente, a esperar pela gente, o futuro está.

E o futuro é uma astronave que tentamos pilotar,

Não tem tempo nem piedade, nem tem hora de chegar.

Sem pedir licença muda nossa vida, depois convida a rir ou chorar.

Nessa estrada não nos cabe conhecer ou ver o que virá.

O fim dela ninguém sabe bem ao certo onde vai dar.

Vamos todos numa linda passarela

De uma aquarela que um dia, enfim, descolorirá.

Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo (que descolorirá)

E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo (que descolorirá).

Giro um simples compasso e num círculo eu faço o mundo (que descolorirá)

Mas, como nem tudo é um castelo e, logo percebi isso, poderia estar uma astronave que tentamos pilotar, pois o futuro está na frente e só depende de nós, mas é difícil, pois sem pedir licença muda nossa vida e, só depois, convida a rir ou chorar.

Minha experiência não foi muito agradável, pois minha professora não era nada paciente, se irritava por qualquer coisa e fazia com que passássemos vergonha diante dos amigos de sala.Teve uma vez em que a professora pediu pra que eu fizesse uma leitura da cartilha, mas, como havia faltado no dia anterior, estava totalmente por fora da lição que ela iria “tomar”, como dizia. Foi, então, que ela se aproximou, pegou a cartilha e bateu na minha cabeça com muita força, fiquei tão chateada, comecei a chorar e ela sem piedade nenhuma,

incentivava as outras crianças a rirem de mim. Precisei de muita força, para retornar à escola no dia seguinte, pois minha vontade era nunca mais aparecer lá.

Minha mãe não entendeu muito bem meu desinteresse pela escola, mas fiquei com medo de contar pra ela e ela brigar comigo também.

Foi então que uma amiguinha, com quem brincava perto de casa, me disse: porque você não estuda bastante para você passar de ano, assim ficará livre de sua professora. Resolvi, então, seguir o conselho dela.

O ano seguiu bem, tentava fazer tudo bem bonitinho, caprichado para que a “bruxa” não fizesse nada mais comigo. E foi assim, adorei quando percebi que já estava alfabetizada e podia ler tudo, as placas, os nomes de loja, as ruas, as minhas próprias histórias.

Enfim, o ano terminou e logo começou outro, novamente fui toda eufórica para a 2ª série.Nessa época usávamos um “guarda pó” como uniforme, onde o bolso era o símbolo da escola, lembro-me que o meu (uniforme) era bem grande e tinha vergonha de usá-lo, mas, mesmo assim estava feliz, afinal não via a hora de conhecer minha nova professora. Mas a felicidade acabou logo que a diretora da escola anunciou os nomes das professoras e suas respectivas salas, por incrível que pareça, sabe quem seria minha professora? A mesma, Liliane era o nome dela, mas que falta de sorte a minha não é mesmo?

Voltei para casa muito triste, outra vez não comentei com minha mãe e tive que agüentar o ano todo, mas tentei fazer tudo certinho e não tive mais nenhum problema, hoje, analisando por outro lado, acredito que talvez ela estivesse naquela 1ª série obrigada e talvez não se sentia preparada, pois na 2ª série ela estava mais simpática e nem parecia mais com uma “bruxa”.

Percebo como é importante nossa capacitação, para podermos sempre estar refletindo sobre nossa prática, para que não sejamos confundidas com nada, principalmente “bruxas”.

Terminei o curso primário em outra escola, pois, na 3ª série, como disse, tivemos que mudar e, dessa vez, para um bairro onde já havia conhecidos, pois, como minha avó havia falecido, era para a casa dela que mudaríamos e lá já tinha alguns amigos, pois sempre passava os finais de semanas com ela.

Não tive problemas quanto à adaptação na escola, minha professora era muito legal, parecia gostar do que estava fazendo, todos os alunos se sentiam bem e as aulas eram bem descontraídas. Um fato que achava interessante era o nome da escola, se chamava EEPG “Olímpia Barth de Oliveira” que, coincidentemente, era a esposa do Silvino José de Oliveira, nome da minha primeira escola.

A professora da 4ª série era uma senhora muito chique, vinha sempre bem arrumada e a achávamos muito esforçada, pois morava em outra cidade e precisava viajar todos os dias, sempre nos dava livros por bom comportamento, às vezes eram livros que nada tinham a ver com o nosso cotidiano, mas, mesmo assim, gostávamos muito.

No ginásio continuei na mesma escola até o final da 6ªsérie e, aí, a surpresa, mais uma vez mudança, desta vez para um bairro novo e bem distante, era um conjunto habitacional, para o qual minha mãe foi escolhida ou sorteada, não sei ao certo, só sei que odiei, pois não tinha asfalto e não conhecia ninguém, mas fazer o quê, é a vida.

A nova escola[7] era perto de casa, não tinha 7ª série durante o dia, fui, então, para o período noturno, mas logo tive que sair, pois como a situação era ruim, tive que ser colocada no mercado de empregos com apenas 13 anos. Me sentia tão imatura para trabalhar, gostaria de ficar estudando, mas o emprego exigia que não estudasse, pois fazia revezamento de turnos.

[7] Escola Estadual Clarice Costa Conti.

Fiquei vários anos só trabalhando, foi quando me casei que resolvi voltar a estudar, fiz, então, o supletivo para terminar a 8º série, e em seguida, resolvi fazer o 2º grau. As expectativas para fazer uma faculdade não existiam, optei, então, pelo curso de magistério, que tinha na escola[8] que meu filho iria estudar, assim, uniria o útil ao agradável. Também fui incentivada pela minha irmã Cristina que atua como professora na Rede Estadual.

E foi assim, dois anos se passaram e, como houve a reestruturação escolar, separando primário do ginásio[9], ficou um pouco complicado, pois meu filho não mais estudaria ali. Ele foi para a escola onde minha irmã lecionava e eu também mudei, fui estudar no período noturno em outra escola[10].

Estava gostando bastante do curso, pois, ali estava aprendendo sobre como se ensinava, através das teorias a gente fica imaginando como deve ser gratificante poder ensinar alguém, me imaginava em uma sala de alfabetização, onde as crianças, muitas vezes, não conseguem diferenciar letras de números e, ao longo do ano, poder ver o desenvolvimento da alfabetização, não é maravilhoso? Foi no estágio, que perpetuou-se minha vontade de exercer a profissão, mesmo sabendo das dificuldades que iria enfrentar. Quando estamos estudando, sonhamos, pensando que tudo é uma maravilha, mas, é no estágio mesmo, que a ilusão desaparece, pois as professoras nos assustam com comentários desagradáveis, parece-me até que não passaram por isso. Tinha a impressão que elas não gostavam que assistíssemos suas aulas.

Apesar das expectativas de emprego serem bem ruins, sabia como seria difícil entrar na área da educação, já que no Estado há muito tempo não há concursos para PEB I e, no município, também só é possível o ingresso através de concursos, que são realizados geralmente a cada dois anos, mas, aqui em Americana, são a cada quatro anos, ficando assim mais difícil.

[8] Escola Estadual João XIII.
[9] Hoje Ensino Fundamental.

Durante o curso de Magistério, optei por parar de trabalhar. Em 1997, enquanto cursava o 3º ano prestei um concurso aqui mesmo em Americana, como não estava formada a melhor opção seria me inscrever em um cargo que não exigisse 2º grau, mas que estivesse ligado à educação, o cargo era para trabalhar na creche, e era chamado ADI (Auxiliar de Desenvolvimento Infantil)[11], para falar a verdade até hoje não entendo bem o nome, já que, na época que prestei o concurso, achei que seria uma espécie de auxiliar, pensei, “vou auxiliar a professora”, mas estava enganada, quando fui admitida, vi que o cargo em nada auxiliava, eram as próprias ‘’ADIs” que desenvolviam o trabalho pedagógico, com direito a formação continuada todos os meses, reuniões pedagógicas, estudos semanais, oficinas, semana da educação, e estudos periódicos, tínhamos a mesma formação que as professoras, mesma cobrança, quanto ao planejamento diário das atividades, avaliação, reuniões de pais e muitas outras coisas, só o que era diferente era o salário, a carga horária, recesso que não tínhamos, enfim, faltava o reconhecimento. Por tudo isso é que não entendo a titulação do cargo, ”Auxiliar de desenvolvimento Infantil”, mas, pelo que estudamos na disciplina, Educação Infantil de 0 a 3 anos, que foi orientada pela nossa admirável Ana Lúcia Goulart de Faria, tudo isso é histórico.

A Infância, sempre foi vista como assistencialismo, a mulher sempre foi a responsável pela educação dos pequenos e somente depois de muito tempo é que houve algumas mudanças.

Não se pensava no que o homem, desde seu nascimento, poderia e deveria ser, então nota-se que o educador pouco ou nada acrescentava à natureza humana, como veremos a seguir.

[10] Escola Estadual Dr. Heitor Penteado.

11 Também conhecida como Monitoras ou Babás, a depender da cidade, a titulação muda.

CAPÍTULO III

INFÂNCIA

A infância sempre foi observada através da ótica do assistencialismo, mesmo nos países de Primeiro mundo. Assim, às pessoas destinadas a exercer a função de guardiã destes pequenos, na ausência da família, não era solicitada nenhum tipo de formação.

Com a revolução industrial, após a segunda guerra mundial, a educação assume uma nova dimensão, a revolução industrial traz um pensamento de uma educação voltada para preparação dos filhos dos trabalhadores para ocupação de subordinados, enquanto os filhos dos empresários são educados para continuar a desempenhar o papel do poder, segundo a autora Zilma Ramos de Oliveira.

Após a segunda guerra mundial a sociedade é desafiada, há uma nova preocupação, pela primeira vez a criança é vista como portadora de direitos que são promulgados em 1959 pela ONU, na Declaração Universal dos Direitos da Criança, direitos dos ricos e não dos pobres.

Muitas idéias são consideradas ao longo do percurso da educação infantil, o trauma da separação do ambiente familiar, dentre tantas outras coisas. O dever do cuidar e educar sempre foram de responsabilidade feminina, por considerar a mulher com o dom materno, e capaz de proporcionar à criança a extensão do ambiente familiar considerado tão importante no seu desenvolvimento.

Com o passar do tempo, pesquisas realizadas por médicos e educadores, entre eles Decroly, Montesori, Celestin, Freneé foram decisivas na visão da importância de uma educação infantil voltada para construção e desenvolvimento na história do ser humano adulto.

Se a educação infantil se tornou importante, consecutivamente, seu profissional também, assim sendo, o educador de creche (crianças de 0 a 3 anos) deveria ter o seu reconhecimento.

CAPÍTULO IV

PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL (CRECHE)

Percebemos como é importante a participação das profissionais de creche na vida das crianças e que irá ser de suma importância no decorrer de suas vidas.

Portanto, a identidade deste profissional, hoje, é motivo de grandes reflexões tanto nos países desenvolvidos como no Brasil, permeando novos rumos. Diante deste quadro, vem sendo discutido em fóruns, com a participação dos profissionais, pesquisadores e doutores (da área da educação), o verdadeiro papel do profissional de creche e de suas funções, já em exercício. Todo este projeto vem sendo elaborado a partir do modelo das escolas de educação infantil da Itália, um projeto que deu certo e foi adotado em algumas cidades e estados brasileiros. Esse projeto demonstra ser muito importante e representa um passo decisivo na construção da identidade e, efetivamente, para que haja, o reconhecimento e a valorização profissional da educação Infantil de 0 a 3 anos.

Neste sentido, o presente estudo tem como objetivo investigar qual a identidade desses profissionais, pois estes vivem em constante conflito com a mesma, sendo difícil desenvolver uma imagem positiva do “eu profissional”.

Provavelmente demore um pouco para que estes educadores sejam reconhecidos como profissionais da educação, ou seja, “professores de educação infantil”, acreditamos que não somos auxiliares e, sim, educadores com o compromisso de fazer o melhor

desenvolvimento de nossas funções para que as crianças de 0 a 3 anos se sintam à vontade e seu aprendizado/desenvolvimento, tanto motor , como cognitivo e afetivo seja de acordo com sua capacidade, respeitando-as em primeiro lugar, como seres culturais que são.

É uma pena, pois a creche está cada vez mais perdendo profissionais excelentes, que se cansam do descaso com que são tratados e acabam fazendo concursos para professores, em alguns casos, até em outros municípios. É o meu caso que, no meio do meu “memorial”, fui chamada para assumir uma sala de aula na educação infantil, agora como “professora”, com a carga horária reduzida e o salário dobrado, não poderia deixar de aceitar, já que o cargo é efetivo, conseguido através de concurso público, feito há aproximadamente quatro anos.

É necessária uma mobilização dos sistemas de ensino e das instituições formadoras, no sentido de oferecer condições para o desenvolvimento e valorização desse profissional, por meio de cursos de habilitação formais e informais que levem em conta sua realidade e, conseqüentemente a uma revisão dos planos de cargos e salários.

Outro ponto a ser discutido é o financiamento para a educação infantil. É preciso esclarecer alguns aspectos que vêm sendo levantados quando se discute esta questão. O primeiro deles diz respeito ao MEC (Ministério de Educação e Cultura), quanto à cooperação financeira a Estados e Municípios. Seu papel é redistributivo e supletivo, com vistas a diminuir as desigualdades sociais e regionais, quanto à educação básica como um todo, dando-se prioridade ao ensino fundamental. Desta forma, embora não exista uma política de financiamento específica para educação infantil como o FUNDEF, na educação fundamental, a educação infantil se insere na política educacional mais ampla.

Um aspecto importante refere-se à necessidade de se tomar a criança como um todo, promovendo o seu desenvolvimento integral, o que implica uma atuação articulada entre educação, saúde e assistência. Torna-se fundamental identificar recursos em nível municipal

e estadual e buscar parcerias, para garantir esta ação compartilhada com a participação do setor público e da sociedade.

É importante destacar que transferir as creches da assistência social para a educação implicou no estabelecimento de normas e regulamentações para o credenciamento e funcionamento das mesmas e, conseqüentemente, para a realização da supervisão, acompanhamento, controle e avaliação por parte dos sistemas de ensino.

Na perspectiva de garantir a qualidade das ações a serem desenvolvidas nas instituições de educação infantil e contribuir para o processo de transição das creches de assistência para a educação, o Ministério da Educação vem elaborando e divulgando documentos e realizando ações voltadas para a regulamentação dessas instituições, para a questão do currículo e, principalmente, para a formação dos profissionais.

Define-se formação dos profissionais, "Formação Continuada" ou em serviço; considero que essa formação não se constrói por acumulação de cursos, conhecimentos ou técnicas, mas, através de um trabalho de reflexão sobre sua prática e de (re) construção permanente de identidade pessoal do professor.

Para Piaget (1970)[12], a "formação de professores é longa e complexa". Nesse processo, quatro pontos são importantes: primeiro, é importante para o professor tomar consciência do que faz ou pensa a respeito de sua prática pedagógica, segundo, ter visão crítica das atividades e procedimentos na sala de aula e dos valores culturais de sua função docente, terceiro, adotar uma postura de pesquisador e não apenas de transmissor e,por último, ter um melhor conhecimento dos conteúdos escolares e das características do desenvolvimento e aprendizagem de seus alunos.

[12] Retirado de material distribuído em reunião pedagógica, (formação continuada).

CAPÍTULO V

EDUCAÇÃO INFANTIL: INSTITUIÇÃO

"A primeira infância época das aprendizagens. Aprendizagem do espaço da casa, da aldeia, das redondezas. Aprendizagem do brinquedo, da relação com as outras crianças: crianças da mesma idade ou maiores, que sabiam e ousavam mais. Aprendizagem das técnicas do corpo, aprendizagens das regras de participação na comunidade local aprendizagem das coisas da vida". (GÉLIS, 1998, P.314)

O que é a educação infantil?

Historicamente, no Brasil, ela tem sido encarada de diversas formas: como função de assistência social, como função sanitarista, ou higienista e, principalmente, para crianças de 0 a 3 anos está difícil operacionalizar a mudança para uma função pedagógica.

No nosso país podemos dizer que existem dois tipos de educação infantil: a dos pobres e a dos ricos.

Na "educação dos pobres", a concepção é de que as crianças das classes trabalhadoras têm deficiência de todos os tipos (nutricionais, culturais, cognitivas, etc), e precisam ser compensadas no futuro pela escola, a fim de que desempenhem seu papel na sociedade: ser um trabalhador.

As mães que trabalham precisam de um lugar para deixar seus filhos durante o dia e, para isso, foram criadas as creches e pré-escolas públicas, local onde as crianças poderiam suprir as carências provenientes de seu meio social. Por serem consideradas crianças "carentes", qualquer tratamento que tiverem é dado como satisfatório, pois já pode ser considerada uma melhoria nos estímulos que recebem em relação ao seu meio natural.

Começam as classes super lotadas com poucos professores para atender a um número tão grande de crianças; espaços físicos improvisados e inadequados, onde as crianças mal podem se mover livremente, porque apresentam perigo ou por serem

pequenos mesmo. É o educar e o cuidar (indissociáveis um do outro), afinal a mãe estava trabalhando e a criança estava ali somente para ser “cuidadas enquanto isso”, e o educar não existia. Os adultos que atuam junto às crianças, tem pouco ou até mesmo nenhum preparo pedagógico, já que não são considerados como educadores e sim como babás, em alguns casos ou cidades, pois não é o nosso caso, como comentei anteriormente.

A “educação dos ricos”, também foi criada para atender às necessidades das mães/mulheres de trabalharem fora de casa, mas apresenta concepções e práticas diferentes. Pagam caro para que seus filhos freqüentem as chamadas “escolinhas”, por isto as instituições esforçam-se para atender aos anseios das famílias, que esperam garantir a melhor educação possível para seus filhos, preparando-os, desde cedo, para as provas que o futuro reserva, como o vestibular e o mercado de trabalho.

Neste caso a educação infantil tem a função de preparar a criança para o ingresso, com sucesso, nas séries iniciais, por isso é preciso desenvolver as habilidades cognitivas tais como: coordenação motora, ensinar a criança a reconhecer letras e números e copiá-los, ensinar os hábitos de higiene e boas maneiras. As escolas têm infra-estrutura muito boas, rica, com piscinas, quadras poliesportivas, e salas de informáticas, mas também existem escolinhas com espaços físicos bem pequenos onde somente é explorado o lado cognitivo das crianças, deixando de lado o aspecto motor e até mesmo o brincar pelo brincar, que na minha opinião, é muito importante para o desenvolvimento global da criança.

> “A escola dos pequenos tem de ser um ambiente livre, onde o princípio pedagógico deve ser o respeito à liberdade e a criatividade das crianças. Nela, as crianças devem poder se locomover, ter atividades criativas que permitam sua auto suficiência e a desobediência e a agressividade não devem ser coibidas e sim, orientadas, por serem condições necessárias ao sucesso das pessoas”. (LISBOA, 1998, p.15).

Para apresentar o desenvolvimento dos alunos, as escolas promovem eventos para as famílias, como festas onde as crianças apresentam números artísticos, ou reuniões de pais

onde entregam aos pais “trabalhinhos” das crianças, tarefas mimeografadas ou xerocadas, livros didáticos preenchidos além de relatórios sobre as crianças sob forma descritiva ou folhas do tipo questionário de múltipla escolha, preenchidos pelo professor.

Mas serão estas propostas pedagógicas suficientes para garantir o direito das crianças a uma educação infantil que estimule o seu desenvolvimento integral?

> “A função da escola maternal não é ser um substituto para uma mãe ausente, mas suplementar e ampliar o papel que, nos primeiros anos da criança, só a mãe desempenha. Uma escola maternal, ou jardim de infância, será possivelmente considerada, de modo mais correto, uma ampliação da família” para cima “, em vez de uma extensão” para baixo” da escola primária” (WINNICOTT, 1982, p.214).

E por isso também Paulo Freire no livro “professora sim, tia não “ diz que para que a criança pequena não confunda sua casa com a escola, é preciso ensinar que professora é professora e tia é tia. “A professora pode ter sobrinhos e por isso é tia da mesma forma que qualquer tia pode ensinar, pode ser professora, por isso trabalhar com alunos. Isto não significa, porém, que a tarefa de ensinar transforme a professora em tia de seus alunos da mesma forma como uma tia não se converte em professora de seus sobrinhos só por ser tia deles. Ensinar é profissão que envolve certa tarefa, certa militância certa especificidade no seu cumprimento enquanto ser tia é viver uma relação de parentesco”. (FREIRE, 2002, p.9,10)

A educação infantil surgiu quando as mulheres precisaram buscar seu espaço no mercado de trabalho e é por isso que a educação das crianças de 0 a 6 anos desempenha importante papel na sociedade.

Entretanto, provoca uma desvalorização muito grande dos profissionais que atuam neste nível de ensino, principalmente no que diz respeito a faixa etária de 0 a 3 anos (creche), considerando-se que estes educadores não precisam de uma sólida formação teórico-prática, basta que saibam cuidar adequadamente do bem-estar físico das crianças, evitando sujeira, doença (idéia totalmente assistencialista/higienista), como já citei anteriormente. Por outro lado, considera-se que esta é uma extensão para baixo da escola fundamental, onde as crianças devem ser treinadas para o acesso à primeira série.

AO CONTRÁRIO, AS CEM EXISTEM. [13]

A criança

É feita de cem.

A criança

Tem cem mãos

Cem pensamentos

Cem modos de pensar

De jogar

E de falar.

Cem sempre cem

Modos de escutar

As maravilhas de amar

Cem alegrias

Para cantar

E compreender.

Cem mundos

Para descobrir.

Cem mundos

Para inventar.

---

[13] - Loris Malaguzzi – do livro "As Cem Linguagens da Criança".

Cem mundos para sonhar.

A criança tem

Cem linguagens

(E depois cem, cem, cem)

Mas roubaram-lhes

Noventa e nove

A escola (tradicional)

E a cultura

Lhe separam

A cabeça do corpo

Dizem-lhe:

De pensar sem as mãos

De fazer sem a cabeça

De escutar e de não falar

De compreender sem alegrias

De amar e maravilhar-se

Só na Páscoa e no Natal

Dizem-lhe:

De descobrir o mundo

Que já existe

E de cem roubaram-lhe

Noventa e nove.

Dizem-lhe:

Que o jogo e o trabalho

A realidade e a fantasia

Ciência e imaginação

O céu e a terra

A razão e o sonhos

São coisas que

Não estão juntas.

Dizem-lhe

Que as cem não

Existem

A criança diz:

Ao contrário, as cem existem.

A organização do trabalho, ou seja, os currículos da educação infantil devem se nortear pelo princípio básico de proporcionar à criança, o desenvolvimento da autonomia, isto é, fazer com que as crianças entendam e construam as suas próprias regras e meio de ações, que sejam flexíveis e possam ser negociadas com outras pessoas, sejam elas adultos ou crianças.

Mas o que vemos geralmente na educação infantil tradicional não é o desenvolvimento da autonomia e sim da heteronomia, pois vemos a dependência das crianças em relação a regras e meios de ações ditados pelo adulto. A heteronomia é característica do pensamento das crianças de 0 a 6 anos, entretanto a escola tradicional a reforça, as crianças sempre esperam a ordem do adulto. Talvez, com as mudanças ocorridas na última década, esta característica tende a modificar-se ou, quem sabe, ser reforçada.

CAPÍTULO VI

OBJETIVOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL, SEGUNDO OS REFERENCIAIS NACIONAIS CURRICULARES:

Da conscientização da sociedade sobre a importância das experiências vividas pela criança desde seus primeiros dias de vida, surgiu a necessidade de estabelecer de forma definitiva a educação institucional à criança de 0 a 6 anos de idade.

A Lei 9.394 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), garante a assistência gratuita à criança em creches, 0 a 3 anos, e as pré-escolas que dão garantia de educação às crianças de 4 a 6 anos de idade. A educação infantil passa a ser reconhecida como a primeira etapa da educação básica da criança.

Os Referenciais Nacionais Curriculares foram elaborados, respeitando a diversidade da sociedade brasileira, portanto, os profissionais têm a liberdade de elaborar currículos de acordo com a realidade de sua comunidade.

Alguns objetivos na educação infantil:

- O respeito a dignidade e aos direitos da criança, consideradas nas suas diferenças individuais, sociais, econômicas, culturais, religiosas, étnicas, etc.
- O direito da criança brincar, como forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação infantil.
- O acesso das crianças aos bens socioculturais disponíveis, ampliando o desenvolvimento das capacidades relativas à expressão, à comunicação, à interação social, ética e à estética.

- A socialização das crianças por meio da participação e inserção nas mais diversificadas práticas sociais, sem discriminação de espécie alguma.
- O atendimento aos cuidados essenciais associados à sobrevivência e ao desenvolvimento de sua identidade.
- Interagir com o meio ambiente (social, cultural, natural, histórico e geográfico) de maneira independente, alerta e curiosa.
- Apropriar-se dos mais diferentes tipos de linguagem construídos pela humanidade (oral, escrita, matemática, corporal, plástica e musical).

Assim sendo os educadores tem que ter em mente estes objetivos e organizar atividades que condizem com a proposta pedagógica citada, avaliando ao final de cada atividade, se conseguiu como mediador, atingir os objetivos propostos. Também deve avaliar o desenvolvimento do grupo onde atua e de cada criança individualmente, sem jamais compará-la às outras, entendendo que cada uma delas carrega histórias de vida diferentes e ritmos de desenvolvimento próprios.

Partindo disto, o educador de creche também realiza seu trabalho de acordo com esses objetivos e aí eu me pergunto, não são professores? Já que realizam o mesmo trabalho das profissionais que atuam com crianças de 4 a 6 anos.

CAPÍTULO VII

O QUE CONSTITUI A EDUCAÇÃO INFANTIL

Vamos conhecer um pouco do dia-a-dia da Educação Infantil, como ela é constituída dentro de uma instituição.

PROFISSIONAIS (CORPO DOCENTE)

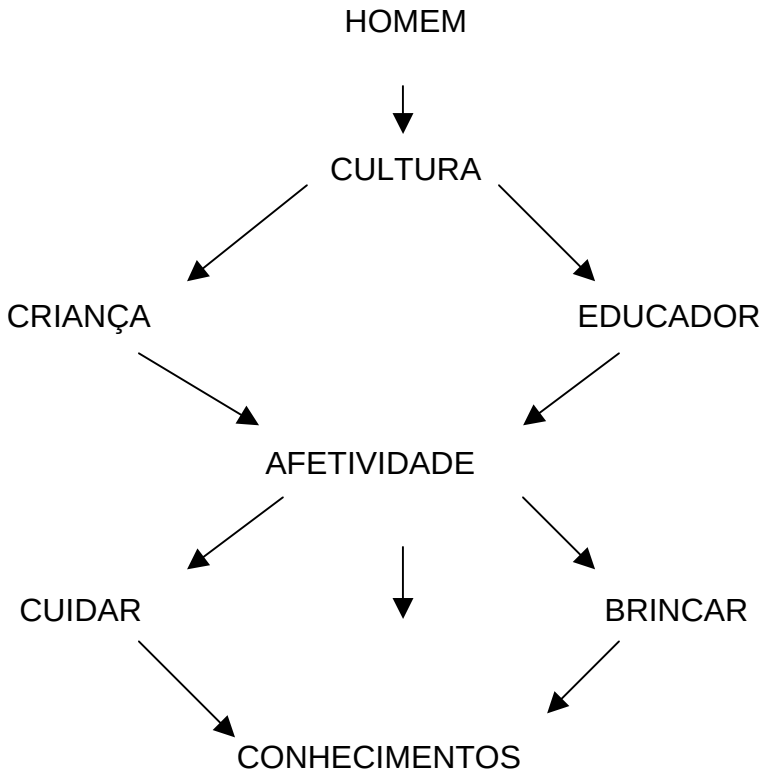
O trabalho direto com as crianças pequenas exige que o professor tenha uma competência polivalente. Ser polivalente significa que o professor saiba trabalhar com conteúdos de naturezas diversas que abrangem desde cuidados básicos essenciais até conhecimentos específicos provenientes das diversas áreas do conhecimento.

Este caráter polivalente demanda, por sua vez, uma formação bastante ampla do profissional que deve tornar-se, também, um aprendiz, refletindo constantemente sua prática, debatendo com seus pares, dialogando com as famílias e a comunidade e buscando informações necessárias para o trabalho que desenvolve.

CURRÍCULO

Em toda instituição de educação há um currículo, e a organização do trabalho pedagógico desenvolve-se baseando-se nele. Por vezes este currículo pode estar registrado num documento formal, mas na realidade a maior expressão do currículo encontra-se na prática pedagógica diária, realizada em cada sala de aula.

Na nossa rede em Americana o currículo é o mesmo para crianças de 0 a 6 anos:



- Identidade/corpo/movimento
- Natureza/meio social
- Educação para o pensar
- Diferentes linguagens

ROTINA:

A denominação dada às rotinas são diversas: o horário, o emprego do tempo, a seqüência de ações, o trabalho dos adultos e crianças, o plano diário, a rotina diária, a jornada e outros.

O tema “Rotina” vem sendo tratado, indiretamente, desde os textos fundadores da educação infantil, e aparece sempre nas propostas contemporâneas de educação infantil. As rotinas são encontradas atualmente, em maior destaque em capítulos de livros ou fascículos de publicação independente, bem como são tema da formação de professores. (Esses autores não usam o termo Rotina, mas idéias como as de moralização, hábitos, atividades da vida diária e socialização que formam as bases dos conceitos utilizados, ainda hoje, para a construção e a justificativa das rotinas).

A presença significativa da rotina, nas práticas da educação infantil, acabou por constituí-la como categoria didática central, mas pouco explicitada. Como todas as noções, a palavra “Rotina” surgiu no momento em que ela parecia ter-se tornado útil para nomear práticas que já estavam constituídas socialmente.[14] É um elemento importante na educação infantil, por proporcionar às crianças sentimento de estabilidade, proteção e segurança. Também proporciona à criança maior facilidade de organização espaço-temporal.

Horários pré-estabelecidos para a organização da escola, sendo um momento muito importante na instituição de educação infantil, necessário para a organização do trabalho pedagógico e o desenvolvimento do aluno.

Porém, a rotina deve ser flexível, de modo a organizar os espaços e os tempos conforme as novas necessidades que surjam, caso contrário, torna-se mecânica e sem sentido. Cabe ao professor “ler” essas necessidades e criar, juntamente com as crianças, os momentos e locais próprios para a nova organização, isto é, a rotina de trabalho.

[14] Como cita a autora Maria Carmen Silveira Barbosa em seu artigo Fragmentos sobre a Rotinização da Infância, 2000.

- **Entrada**, momento importante que proporciona sensação de acolhimento, segurança e de pertencer àquele grupo, este é um dos momentos propício para desenvolver nas crianças a afetividade tanto com os amigos, quanto com a professora. Nesta hora também o educador organiza a roda da conversa, onde as crianças possam trocar idéias e falar sobre suas vivências, sendo feito um trabalho de respeito onde todos possam falar, e ser ouvidos. Na roda o educador pode desenvolver atividades que estimulam a construção do conhecimento acerca de diversos códigos e linguagens.

- **Atividade**, neste momento, que as atividades são organizadas, onde as crianças, através de ações mentais e concretas, poderão constituir conhecimentos de diferentes naturezas. As atividades que proporcionam a construção destes conhecimentos podem estar ligadas aos temas dos projetos desenvolvidos pela sala. As organizações da sala, para a realização das atividades, devem proporcionar às crianças a possibilidade de trocarem informações umas com as outras, de se movimentarem, e de atuarem com autonomia.

- **Higiene**, momento em que as crianças fazem uso do banheiro e lavagem das mãos para fazer as refeições, momento que aprendem sobre escovação e sua importância.

- **Lanche**, hora em que são oferecidos às crianças alguns tipos de alimento, seja leite, uma fruta, ou até mesmo um prato de comida e as crianças decidem se comem ou não, mas são incentivadas a experimentar, caso falem que não gostam ou que não estão com fome. É nesta hora, também, que se trabalha o desperdício, e até mesmo a divisão entre o grupo. É importante que o professor demonstre e propicie às crianças hábitos saudáveis, antes e depois do lanche como, por exemplo, lavar as mãos e escovar os dentes (momento de higiene).

- **História**, podemos dizer que o ato de contar história para as crianças está presente em todas as culturas, letradas ou não. Desde os primórdios do homem, as crianças adoram ouvir e os adultos adoram contá-las. A hora da história é um momento valioso para a educação integral (ouvir, pensar, sonhar...) e para alfabetização, mostrando a função social da leitura e escrita.

- **Atividades livres, brincadeiras**: as crianças passam grande parte do tempo brincando, a brincadeira é uma forma da criança imitar a realidade, transformando-a. É muito importante essa atividade para o desenvolvimento infantil, é um consenso entre os teóricos.

  A compreensão e a percepção que o adulto tem sobre a atividade de brincar da criança são guiadas pelos seus sistemas de significado cultural.

O faz-de-conta então ocorre dentro de um ambiente culturalmente organizado em que a criança se desenvolve e que providencia os objetos que ela usará na atividade. O brincar é uma atividade prática, na qual as crianças constroem e transformam seu mundo, conjuntamente, renegociando e redefinindo a realidade. Assim, o brincar compreende uma construção de realidade, a produção de um mundo e a transformação do tempo e do lugar em que ele pode acontecer. O papel ativo da criança na transmissão cultural garante que a cultura de sua geração vá além daquela de seus pais, pois as mensagens culturais emitidas pelos adultos à criança são ativamente assimiladas por ela, de modos novos em suas estruturas de conhecimentos.

O brincar pelo brincar é a parte mais importante, pois é a linguagem natural da criança. Há escolas onde o brincar é visto como um mal necessário ou até mesmo uma hora em que o educador deixa a criança fazer o que quer, para que ele fique sem fazer nada. É na brincadeira que as crianças expressam livremente suas idéias, sentimentos e conflitos, mostrando ao educador e aos seus amigos como é seu mundo, o seu dia-a-dia. É nas brincadeiras que as crianças aprendem a compartilhar regras, superando assim seu egocentrismo.

- ***Atividade dirigida/parque***, é, na educação infantil, o principal objetivo de se trabalhar com o corpo, o movimento, a expressão corporal, o desenvolvimento global da criança, tudo isto é

importante pois a criança vai se descobrindo e também construindo sua auto-imagem positiva e confiante. Para isso é preciso que o professor proporcione atividades fora da sala de aula, onde as crianças possam se movimentar, alongar, subir, descer, pular, equilibrar, participar de jogos com regras, banho de mangueira e outros. O parque não é um momento de descanso dos professores, é um momento de desafios e, com tantas oportunidades, o professor deve estar sempre por perto para auxiliando e estimulando a criança, desenvolver a sua motricidade e socialização e, quando houver necessidade, intervir nas brincadeiras e discussões das crianças, quando elas não conseguirem resolver sozinhas.

- **Saída:** momento de avaliação com as crianças para saber o que deu certo e o que poderia ser diferente.

TUDO QUE SEI, APRENDI NO JARDIM-DE-INFÂNCIA.

Tudo que eu preciso mesmo saber sobre como viver, o que fazer e como ser aprendi no jardim-de-infância. A sabedoria não estava no topo da montanha mais alta, no último ano de um curso superior, mas no tanque de areia do pátio da escolinha maternal. Vejam o que eu aprendi:

Dividir tudo com os companheiros.

Jogar conforme as regras do jogo.

Não bater em ninguém.

Guardar os brinquedos onde os encontrava.

Arrumar a “bagunça” que eu mesmo fazia.

Não tocar no que não era meu.

Pedir desculpas, se machucava alguém.

Lavar as mãos antes de comer.

Apertar a descarga da privada.

Biscoito quente e leite frio fazem bem à saúde.

Fazer de tudo um pouco – estudar, pensar

E desenhar, pintar, cantar e dançar, brincar e trabalhar,

De tudo um pouco, todos os dias.

Tirar uma soneca todas as tardes.

Ao sair pelo mundo, cuidado com o trânsito,

Ficar sempre de mãos dadas com o companheiro e sempre “de olho” na professora. (FULGHUM, Roberto) [15]

ATIVIDADES:

Listam-se as atividades a serem cumpridas durante os vários momentos da rotina, o que geralmente proporciona longos momentos de espera, pela criança, entre uma atividade e outra, sendo estas planejadas somente pelo adulto sem nunca consultar as crianças, portanto, a expectativa em atender às necessidades da criança não existe. Por isso a concepção de avaliação restringe-se às expectativas do adulto referentes ao “bom comportamento” das crianças.

[15] FULGHUM, Robert.Tudo que devia saber na vida aprendi no Jardim Infância. Ed. Best Seller, 1988.

DATAS COMEMORATIVAS

São datas importantes no calendário, onde se comemora algum acontecimento especial (carnaval, páscoa, natal, dia das mães, etc).

Muitas vezes reforça-se preconceito e estereótipo, pois se baseia na concepção de história sob a ótica do vencedor, pois ninguém comemora os derrotados, também tem o fato de que as datas são muitas próximas umas das outras, não dando para trabalhar bem nem uma, nem outra. É o caso do mês de abril com a páscoa, Tiradentes descobrimento, dia do índio, não é possível em tão pouco tempo entender o significado destas datas todas. O conhecimento torna-se fragmentado e repetitivo, pois todos os anos são trabalhados os mesmos assuntos e da mesma forma.

O objetivo das comemorações seria fornecer informações para as crianças compreenderem os significados de tais datas. Por exemplo, no “dia dos índios” espera-se que a criança entenda que eles foram os primeiros habitantes aqui do Brasil, que vivem ou viviam em aldeias, muitos ainda moram em ocas, plantam, colhem e caçam somente o que vão comer, não agridem a natureza, pois ela é seu supremo e maior “deus”.

PROJETOS

São temas que partem dos interesses e necessidades apresentados pelas crianças. Quando se adota o trabalho com projetos, a avaliação apresenta mais integração ao planejamento. Os projetos partem do contato com as crianças e a realidade concreta da qual ela necessita, no seu ambiente (social, cultural, histórico, e outros). Estes projetos são mais flexíveis, pois sua duração pode ser de um dia a doze

meses, seu andamento e as atividades propostas às crianças dependem da observação e reavaliação constantes do trabalho pedagógico feito pelo educador.

As crianças têm a oportunidade de sugerirem rumos diferentes para o seu planejamento e replanejamento, principalmente nas “rodas da conversa” que é um momento de coletividade e o educador pode escutar os interesses de seus alunos.

Todo projeto deve vir acompanhado de um produto final, pois, este é muito significativo para as crianças.

A PEDAGOGIA DE PROJETOS visa um desenvolvimento integral e a construção da autonomia infantil. Esta pedagogia possibilita ao professor e, às crianças, um papel ativo na construção do planejamento e do projeto-político-pedagógico.

AVALIAÇÃO

A Avaliação na educação infantil se dá através do registro diário, observando o desenvolvimento pleno das atividades e, conseqüentemente, o aprendizado/desenvolvimento do aluno.

O registro é muito importante, cada um tem um jeito próprio para faze-lo, pois cada um dá a forma para a sua reflexão, podendo ser registrado sentimentos, planejamentos. O registro ajuda a guardar na memória, fatos, acontecimentos ou reflexões e também possibilita a consulta quando nos esquecemos de algo.

Neste sentido, o registro diário, ou seja, a avaliação, é um exercício constante tanto para avaliar como para planejar, é o motor propulsor da construção dos conhecimentos. Conhecimentos significativos tanto para os alunos, por auxiliar a ligação entre suas atividades espontâneas e os conteúdos, quanto para o professor, no

que se refere à sua autoformação, pois o ajuda a relacionar as teorias com a sua prática e vice-versa.

As avaliações diárias ajudam a recriar a nossa prática, enriquecendo as atividades profissionais e ganhando mais segurança.

> “Nunca sabemos muito sobre avaliação da aprendizagem; o que demais importante necessitamos saber é que sua verdadeira dimensão e direção são aprendidas a cada instante, em cada passo”.
>
> (ANTUNES, 2002)[16]

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fundamental para as crianças menores de seis anos é que elas se sintam importantes, livres e queridas. Este deve ser o objetivo fundamental de qualquer ação educativa voltada para as crianças de 0 a 6 anos. A organização do trabalho pedagógico, visando alcançar estes objetivos, pode assumir várias formas, expressas em diferentes métodos. Mas, necessariamente, tem de ser pautada por uma postura de respeito à criança: ao seu ritmo de desenvolvimento, à sua origem social e cultural, às suas relações e vínculos afetivos; à sua expressão (plástica, oral, escrita, em todos os tipos de linguagem) e às suas idéias, desejos e expectativas. Sem, porém, jamais abdicar da procura por ampliar, cada vez mais, este mundo infantil.

A criança, como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. A criança tem, na família, biológica ou não, um ponto de referência fundamental, apesar da multiplicidade de interações sociais que estabelece com outras instituições sociais.

A elaboração deste trabalho teve a finalidade de desenvolver o senso critico, em relação à Educação Infantil, em especial a creche e respectivamente seu profissional, seja educadora, ADI[17], babás e monitoras conforme a referência ao cargo de cada município

[16] Extraído do Memorial da Cristhina, formanda do curso de Pedagogia PEFOPEX (Programa Especial de Formação de Professores em Exercício).
[17] Auxiliar de Desenvolvimento Infantil (cidade Americana)

Mesmo não sendo mais a minha faixa etária 0 a 3 anos (creche), pois como citei anteriormente foi admitida como professora[18] , vou continuar minhas indagações, questionamentos e luta pelo reconhecimento da profissional de creche.

[18] através do concurso realizado em 2001,

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998, nº1.

EDWARDS, Carolyn, Gandini, Lella, Forman, Geoge, **As Cem Linguagens da Criança**, A abordagem da Reggio Emília na Educação da Primeira Infância. Artmed, 1999. Porto Alegre.

FARIA, Ana L. G. de, DEMARTINI, Zeila de B. F., PRADO, Patrícia D. (orgs.) .**Por uma cultura da infância**: metodologias de pesquisas com crianças. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.-(Coleção educação contemporânea). 153p.

FREIRE, Paulo. **Professora Sim, Tia Não, Cartas a quem ousa ensinar**, Ed. Olho d'água, 12ª edição, 2002. 127p.

FULGHUM, Robert. **Tudo que devia saber na vida aprendi no Jardim-de-Infância**. Ed.Best Seller, 1988.

GÉLIS, Jaques. A individualização da criança in ARIÈS, P. e DUBY, G. ***História da Vida Privada.*** Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LISBOA, Antônio Márcio Junqueira. **O seu filho no dia-a-dia: dicas de um pediatra experiente**. Vol. 3.Brasília: Linha Gráfica, 1998

MONARCHA, Carlos, (Org), **Educação da Infância Brasileira**, 2001, Ed. Autores Associados, Campinas, SP. 272 p.

WINNICOTT, Donald Woods. **A criança e o seu mundo**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982.

ONGARI, Bárbara e MOLINA, Paola. **A educadora de creche**: construindo suas identidades. Tradução de Fernanda L. Ortale e Ilse P. Moreira: São Paulo: Editora Cortez, 2003. 172p.

Pro-posições/Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação.-Campinas, SP. V.I, mar. (1990-).

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Rubem. **A escola que sonhei sem imaginar que pudesse existir**. Editora Papirus, 2003. Campinas. SP.

ARIES, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar , 1978.

BARRETO, Ângela M. **Educação Infantil no Brasil**: desafios colocados. Cadernos do CEDES, Campinas, nº37, p.7-21.1995.

BASSEDAS, Eulália, Huguet, Teresa, Sole, Isabel. **Aprender e ensinar na Educação Infantil**. Artmed, 1999. Porto Alegre.

DEVIRES, Rheta; ZAN, Betty. **A ética na educação infantil:** o ambiente sócio-moral na escola. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FERREIRA, Maria C. R., MELLO Ana M., VITÓRIA, Telma, GOSUEN, Adriano e CHAGURI, Ana C. **Os Fazeres na Educação Infantil**, 7ª edição, Editora Cortez.

KAMII, Constance; DEVRIES, Rheta. **Piaget para a educação pré-escolar**. Porto Alegre: Artes médicas, 1991.

KRAMER, Sônia (org.). **Com a pré-escola nas mãos**: uma alternativa curricular para a educação infantil. São Paulo: Ática, 1999, 13ª ed.

KRAMER, Sônia. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. São Paulo: Cortez, 1995, 5ª ed.

RABITTI, Giordana, **À Procura da Dimensão Perdida: u**ma escola de Infância de Reggio Emilia, Porto alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda., 1999. 195p.

SEVERINO, Antônio J. **Metodologia do trabalho científico.** 21ª ed. São Paulo: Ed. Cortez, 2000, 279 p.

ZABALZA, Miguel **Qualidade em Educação Infantil**- Artmed, Porto Alegre, 1998.

- A avaliação da Aprendizagem Escolar. Fascículo 11. Na Sala de Aula. Vozes.2002
- A avaliação da Aprendizagem Escolar. Fascículo 11. Na Sala de Aula. Vozes.2002
- Vygotsky, quem diria?! Em minha sala de aula. Fascículo 12. Na Sala de Aula. Vozes.2002